

**A Tragédia da Emancipação da Mulher\***

**Emma Goldman**

---

O presente texto de Emma Goldman foi publicado originalmente em 1906 e tem algumas traduções para o idioma português, tal como a do site [diplomatique.com.br](http://diplomatique.com.br) que é reproduzido em [marxists.org](http://marxists.org) do Brasil. Porém, a tradução deforma o original, colocando no texto traduzido termos que não se encontram nele (como “feminismo” e “gênero”) e trechos ausentes (parágrafos inteiros e alguns trechos pequenos), tal como o que cita Laura Marholm (tida como “antifeminista” por certos círculos feministas contemporâneos e mal vista pelas ativistas da época). Nesse caso, a máxima se aplica não só perfeitamente, mas também intencionalmente: “tradução, traição”. A presente tradução teve que efetivar algumas opções e dentre essas opções traduziu “soul” como “mente” (na maioria das vezes é traduzida como “alma”), mas que não deforma o verdadeiro sentido dado pela autora. O texto de Emma Goldman realiza a crítica do “movimento de emancipação da mulher” (que hoje chamaríamos de movimento feminino ou movimento das mulheres) da época, hegemônico pelas mulheres das classes superiores.

---

Eu começo com uma admissão: deixando de lado todas as teorias políticas e econômicas, as distinções de classe e de raça, as fronteiras artificialmente traçadas entre os direitos das mulheres e os dos homens, afirmo que há um ponto no qual essas diferenças podem se encontrar e se fundir em um todo perfeito.

Com isso, não pretendo propor um tratado de paz. O antagonismo social geral que se apoderou de toda a nossa vida pública hoje, provocado pela força de interesses opostos e contraditórios, desmoronará quando a reorganização de nossa vida social, baseada nos princípios da justiça econômica, se tornar uma realidade.

A paz ou a harmonia entre os sexos e os indivíduos não depende necessariamente de um nivelamento superficial dos seres humanos nem requer a eliminação dos traços e peculiaridades individuais. O problema que temos de considerar hoje e que seria preciso resolver é o seguinte: como ser você mesmo e ainda estar em unidade com os outros,

---

\* Panfleto publicado em 1906. Tradução de Nildo Viana.

como sentir-se em profunda união com todos os outros seres humanos e preservar suas próprias qualidades? Esta me parece ser a base sobre a qual a massa e o indivíduo, o verdadeiro democrata e a verdadeira individualidade, homem e mulher, podem se encontrar sem antagonismo e oposição. O lema não deve ser perdoar uns aos outros e sim “compreender uns aos outros”. A frase tantas vezes citada de Madame de Staël – “Compreender tudo é perdoar tudo” – nunca me atraiu particularmente: ela tem o odor do confessional. Perdoar os outros evoca a ideia de uma superioridade farisaica. Compreender o próximo basta. A admissão representa em parte o aspecto fundamental de minhas opiniões sobre a emancipação da mulher e seu efeito sobre a totalidade da questão sexual.

A emancipação deveria dar à mulher a possibilidade de ser humana no sentido mais verdadeiro. Tudo o que nela reclama a afirmação de si e a atividade deveria alcançar sua expressão mais completa; todos os vestígios de séculos de submissão e escravidão deveriam ser retirados do caminho que conduz a uma liberdade maior.

Esse era o objetivo original do movimento pela emancipação da mulher. Mas os resultados alcançados até agora isolaram a mulher e roubaram-lhe as fontes daquela felicidade que lhe é tão essencial. A emancipação meramente externa fez da mulher moderna um ser artificial, que lembra um dos produtos da arboricultura francesa com suas árvores e arbustos arabescos, pirâmides, rodas e grinaldas; qualquer coisa, exceto as formas que seriam alcançadas pela expressão de suas próprias qualidades interiores. Essas plantas cultivadas artificialmente do sexo feminino podem ser encontradas em grande número, especialmente na chamada esfera intelectual de nossa vida.

Liberdade e igualdade para mulher! Que esperanças e aspirações essas palavras despertaram quando foram pronunciadas pela primeira vez por algumas das mentes mais nobres e corajosas daqueles dias. O sol em toda a sua luz e glória nasceria sobre um novo mundo; neste mundo, a mulher deveria ser livre para dirigir seu próprio destino – um objetivo certamente digno do grande entusiasmo, coragem, perseverança e esforço incessante da tremenda hoste de homens e mulheres pioneiros, que apostaram tudo contra um mundo de preconceito e ignorância.

Minhas esperanças também caminham em direção a esse objetivo, mas sustento que a emancipação da mulher, como interpretada e praticamente aplicada hoje, não atingiu

esse grande objetivo. Agora, a mulher é confrontada com a necessidade de se emancipar da emancipação, se ela realmente deseja ser livre. Isso pode parecer paradoxal, mas é, no entanto, muito verdadeiro.

O que ela conquistou por meio de sua emancipação? Sufrágio igual em alguns Estados. Isso purificou nossa vida política, como muitos defensores bem-intencionados previram? Certamente não. A propósito, é realmente hora de pessoas com bom senso claro pararem de falar sobre corrupção na política em tom de conselho escolar. A corrupção da política nada tem a ver com a moral, ou com a frouxidão da moral, de várias personalidades políticas. Sua causa é totalmente material. A política é o reflexo do mundo empresarial e industrial, cujos lemas são: “Mais abençoado é tomar do que dar”; “compre barato e venda caro”; “uma mão suja lava a outra.” Não há esperança de que mesmo a mulher, com seu direito de voto, purifique a política.

A emancipação trouxe igualdade econômica para a mulher e o homem; ou seja, ela pode escolher sua própria profissão e ou ocupação. Mas como sua educação física passada e presente não a dotou da força necessária para competir com o homem, ela é muitas vezes forçada a consumir toda a sua energia, esgotar sua vitalidade e tensionar demais todos os seus nervos para atingir um valor de mercado. E mesmo isso são muito poucas as que conseguem, pois é um fato reconhecido que as professoras, médicas, advogadas, arquitetas ou engenheiras não têm a mesma confiança que seus colegas homens, nem recebem igual remuneração. Já para as que atingem essa igualdade tentadora, é geralmente à custa de seu bem-estar físico e psíquico. Quanto à grande massa de jovens e adultas trabalhadoras, que independência elas ganharam trocando a estreiteza de perspectivas e a falta de liberdade do lar pela estreiteza de perspectivas e a falta de liberdade da fábrica, da oficina de costura, da loja ou do escritório? Além disso, há o fardo que recai sobre muitas mulheres de cuidar de um “lar, doce lar” (frio, sombrio, desordenado, pouco convidativo) após um dia de trabalho duro. Que independência gloriosa!

Não é de admirar que centenas de garotas estão tão dispostas em aceitar a primeira oferta de casamento que se apresenta, tão desgostosas e cansadas estão de sua “independência” atrás de um balcão, uma máquina de costura ou uma máquina de escrever. Elas perseguem o casamento tanto quanto as garotas de classe média que

aspiram livrar-se do jugo da autoridade parental. A chamada independência que leva apenas a ganhar o mínimo de subsistência não é tão atraente, não é tão ideal, que se poderia esperar que a mulher sacrificasse tudo por isso. Afinal de contas, nossa tão elogiada independência não passa de um processo lento de entorpecimento e sufocamento da natureza da mulher, dos seus instintos de amor e de maternidade.

No entanto, a posição da jovem operária é muito mais natural e humana do que a de sua irmã aparentemente mais afortunada nas classes profissionais mais cultas de professores, médicos, advogados, engenheiros, etc., que têm que ter uma aparência digna e adequada, enquanto a vida interior está ficando vazia e morta.

A estreiteza da concepção existente de independência e emancipação da mulher; o medo do amor por um homem que não é socialmente igual; o medo de que o amor roube sua liberdade e independência; o horror de que o amor ou a alegria da maternidade só a impeçam no exercício pleno da profissão – tudo isso junto faz da mulher emancipada moderna uma vestal<sup>1</sup> compulsória, diante da qual a vida, com suas grandes tristezas esclarecedoras e suas profundas e arrebatadoras alegrias, se desenvolve sem tocar ou agarrar sua mente.

A emancipação, tal como entendida pela maioria de seus adeptos e expoentes, é de um alcance muito estreito para permitir o amor e êxtase ilimitados contidos na emoção profunda da verdadeira mulher, enamorada e mãe, em liberdade. Embora a mulher economicamente independente ou que consegue se manter sozinha ultrapasse suas irmãs das gerações passadas no conhecimento do mundo e da natureza humana, é justo por isso que ela se resente profundamente da ausência essencial à vida: o amor, que sozinho é capaz de enriquecer a mente humana e sem o qual as mulheres, em sua maioria, se tornaram meros autômatos profissionais.

Que tal estado de coisas estava fadado a acontecer foi previsto por aqueles que perceberam que, no domínio da ética, ainda havia muitas ruínas decadentes da época da superioridade indiscutível do homem; ruínas que ainda são consideradas úteis. E, o que é mais importante, boa parte daqueles que se emanciparam não consegue viver sem elas.

---

<sup>1</sup> Mulher virgem consagrada à deusa romana Vesta, encarregada de velar o fogo sagrado perpétuo de seu altar. Figurativamente “mulher casta”, “virgem” (NT).

Todo movimento que busca a destruição das instituições existentes e sua substituição por algo mais avançado, ou mais perfeito, tem seguidores que em teoria representam as ideias mais radicais, mas que, no entanto, em sua prática cotidiana, são como o filisteu comum, fingindo respeitabilidade e clamando pela boa opinião dos seus oponentes. Existem, por exemplo, socialistas e até anarquistas que defendem a ideia de que a propriedade é um roubo, mas que ficam indignados se alguém lhes deve o valor de meia dúzia de moedas.

O mesmo filisteu pode ser encontrado no movimento pela emancipação da mulher. Jornalistas amarelos<sup>2</sup> e literatos água-com-açúcar<sup>3</sup> pintaram retratos da mulher emancipada que arrepiam os cabelos do bom cidadão e de sua contrariada companheira. Cada membro do movimento pelos direitos da mulher foi descrito como uma George Sand, em seu desprezo pela moralidade. Nada era sagrado para ela. Ela não tinha respeito pela relação ideal entre homem e mulher. Em suma, a emancipação significava apenas uma vida imprudente de luxúria e pecado e indiferente com a sociedade, a religião e a moralidade. As representantes dos direitos da mulher ficaram altamente indignadas com tal deturpação e, sem humor, elas empregaram toda a sua energia para provar que não eram tão ruins quanto foram pintadas, mas o contrário. Claro, enquanto a mulher fosse escrava do homem, ela não poderia ser boa e pura, mas agora que ela era livre e independente, ela provaria o quão boa ela poderia ser e que sua influência teria um efeito purificador em todas as instituições em sociedade.

É verdade que o movimento pelos direitos da mulher quebrou muitos velhos grilhões, mas também criou novos. O grande movimento da verdadeira emancipação não encontrou uma grande geração de mulheres que pudesse olhar a liberdade de frente. Sua visão estreita e puritana banuiu o homem, como um caráter perturbador e duvidoso, de sua vida emocional. O homem não devia ser tolerado a qualquer preço, exceto talvez como pai de uma criança, visto que uma criança não poderia muito bem viver sem um pai. Felizmente, as puritanas mais rígidas nunca serão fortes o suficiente para matar o desejo

---

<sup>2</sup> Imprensa amarela é o nome dado aos jornais sensacionalistas e, com o passar do tempo, passou a ser chamada de “imprensa marrom”. Os pesquisadores divergem em relação aos dois termos, pois alguns consideram apenas uma mudança terminológica, formal, e outros consideram que houve uma mudança de significado, de conteúdo (NT).

<sup>3</sup> Expressão popular que quer dizer “sem graça”, “fraco”, “meloso” ou, ainda, “sentimentalista” (NT).

inato pela maternidade. Mas a liberdade da mulher está intimamente ligada à liberdade do homem, e muitas de minhas chamadas irmãs emancipadas parecem ignorar o fato de que uma criança nascida em liberdade precisa do amor e da devoção de cada ser humano, tanto homem quanto mulher, por ela. Infelizmente, é essa concepção estreita das relações humanas que trouxe uma grande tragédia na vida do homem e da mulher modernos.

Há cerca de quinze anos, apareceu uma obra escrita pela brilhante norueguesa Laura Marholm, chamada *Woman, a Character Study*<sup>4</sup>. Ela foi uma das primeiras a chamar a atenção para o vazio e estreiteza da concepção existente da emancipação da mulher e seu efeito trágico sobre a vida interior da mulher. Em sua obra, Laura Marholm fala sobre o destino de várias mulheres talentosas de fama internacional: a gênio Eleonora Duse; a grande matemática e escritora Sonya Kovalevskaia; a artista e poetisa da natureza Marie Bashkirtzeff, que morreu tão jovem. Através de cada descrição da vida dessas mulheres de mentalidade tão extraordinária corre um rastro marcado de desejo insatisfeito por uma vida plena, arredondada, completa e bela, e a inquietação e solidão resultantes da falta dela. Por meio desses magistrais esboços psicológicos, não se pode deixar de ver que quanto mais alto o desenvolvimento mental da mulher, menos possível é para ela encontrar um companheiro compatível que verá nela, não apenas sexo, mas também o ser humano, a amiga, a camarada de forte individualidade, que não pode e não deve perder um único traço de seu caráter.

O homem comum com sua autossuficiência, seus ares ridiculamente superiores de patronagem em relação ao sexo feminino, é uma impossibilidade para a mulher, conforme retratado no *Estudo de Caráter* de Laura Marholm. Igualmente impossível para ela é o homem que não consegue ver nela nada mais do que sua mentalidade e seu gênio, e que não consegue despertar sua natureza feminina.

Muitas e muitas vezes, provou-se de maneira irrefutável que as velhas relações matrimoniais reduzem a mulher às funções de empregada do homem e procriadora de

---

<sup>4</sup> *Mulher, Um Estudo de Caráter*. Laura Marholm escreveu vários livros e não foi possível identificar se se trata do livro cujo título original alemão é “*Zur Psychologie der Frau*” (*Sobre a Psicologia da Mulher*), sendo que o primeiro volume foi publicado em 1897 e o segundo em 1903, ou se é o livro intitulado *Das Buch der Frauen. Zeitpsychologische Porträts* (*O Livro das Mulheres. Retratos da Psicologia Contemporânea*), publicado em 1895, ou seja, aproximadamente quinze anos, tal como apontado por Ema Goldmann.

seus filhos. Mas ainda encontramos muitas mulheres emancipadas que preferem o casamento, com todas as suas imperfeições, ao isolamento de uma vida de celibato: vida restrita e insuportável por conta dos preconceitos morais e sociais que mutilam e amarram a natureza das mulheres.

Um intelecto rico e uma mente sutil são geralmente considerados atributos necessários de uma personalidade bela e profunda. No caso da mulher moderna, esses atributos servem como obstáculo à afirmação completa de seu ser. Por mais de cem anos a antiga forma de casamento, baseada na Bíblia, “até que a morte se separe”, tem sido denunciada como uma instituição que representa a soberania do homem sobre a mulher, de sua completa submissão aos seus caprichos e ordens e dependência absoluta de seu nome e manutenção. Repetidas vezes ficou provado de forma conclusiva que a velha relação matrimonial restringia a mulher à função de serva do homem e geradora de seus filhos. E ainda encontramos muitas mulheres emancipadas que preferem o casamento, com todas as suas deficiências, à estreiteza de uma vida solteira: estreita e insuportável por causa das correntes de preconceito moral e social que limitam e prendem sua natureza.

A explicação de tal inconsistência por parte de muitas mulheres avançadas deve ser encontrada no fato de que elas nunca compreenderam verdadeiramente o significado da emancipação. Eles pensaram que tudo o que era necessário era a independência das tiranias externas. Os tiranos internos, muito mais prejudiciais à vida e ao crescimento – as convenções éticas e sociais – foram deixados por conta própria e assim eles fizeram. Eles se reproduzem tão lindamente na cabeça e no coração dos expoentes mais ativos da emancipação da mulher quanto na cabeça e no coração de nossas avós.

Esses tiranos internos, apareçam eles sob a forma de opinião pública ou do que a mãe dirá (ou irmão, pai, tia ou parente de qualquer tipo); O que a Sra. Grundy, o Sr. Comstock, o empregador, o Conselho de Educação dirão? Todos esses intrometidos, detetives morais, carcereiros do espírito humano, o que eles vão dizer? Até que a mulher tenha aprendido a desafiar todos eles, a permanecer firmemente em seu próprio terreno e a insistir em sua própria liberdade irrestrita, a ouvir a voz de sua natureza, seja ela pedindo o maior tesouro da vida, o amor por um homem ou o seu privilégio mais glorioso, o direito de dar à luz uma criança, ela não pode se dizer emancipada. Quantas mulheres

emancipadas são corajosas o suficiente para reconhecer que a voz do amor está chamando, batendo loucamente em seus seios, exigindo ser ouvidas, satisfeitas.

O escritor francês Jean Reibrach, em um de seus romances, *New Beauty*, tenta retratar a mulher ideal, bela e emancipada. Esse ideal está incorporado em uma jovem, uma médica. Ela fala com muita habilidade e sabedoria sobre como alimentar bebês; ela é gentil e administra remédios de graça para mães pobres. Ela conversa com um jovem conhecido sobre as condições sanitárias do futuro e como vários bacilos e germes serão exterminados com o uso de paredes e pisos de pedra e com o fim de tapetes e cortinas. Ela está, é claro, vestida de maneira simples e prática, principalmente de preto. O jovem, que em seu primeiro encontro se maravilhou com a sabedoria de sua amiga emancipada, aos poucos aprende a compreendê-la e um belo dia reconhece que a ama. Eles são jovens e ela é gentil e bonita e, embora sempre em trajes rígidos, sua aparência é suavizada por um colarinho e punhos brancos imaculadamente limpos. Seria de se esperar que ele contasse a ela sobre seu amor, mas ele não é de cometer absurdos românticos. A poesia e o entusiasmo do amor cobrem seus rostos envergonhados diante da pura beleza da senhora. Ele silencia a voz de sua natureza e permanece correto. Ela também é sempre exata, sempre racional, sempre bem comportada. Temo que se eles tivessem formado uma união, o jovem teria corrido o risco de morrer congelado. Devo confessar que não consigo ver nada de belo nesta nova beldade, que é tão fria quanto as paredes e pisos de pedra com que ela sonha. Ao invés disso, prefiro canções de amor de épocas românticas, prefiro Don Juan e Madame Vênus, prefiro uma fuga por escada e corda em uma noite de luar, seguida pela maldição do pai, gemidos da mãe e os comentários morais dos vizinhos, a essa correção e exatidão medida por uma convenção. Se o amor não sabe dar e receber sem restrições, não é amor, mas uma transação que nunca deixa de enfatizar o positivo e o negativo.

O maior defeito da emancipação dos dias atuais reside em sua rigidez artificial e suas estreitas respeitabilidades, que produzem um vazio na mente da mulher que não a deixa beber da fonte da vida. Certa vez, observei que parecia haver uma relação mais profunda entre a mãe antiquada e dona de casa, sempre alerta para a felicidade de seus pequeninos e o conforto daqueles que amava, e da mulher verdadeiramente nova, do que entre esta última e sua irmã emancipada média.



A salvação está em uma enérgica marcha em direção a um futuro mais brilhante, mais claro. O que precisamos é nos libertar das velhas tradições, dos hábitos ultrapassados, e seguir em frente. O movimento de emancipação da mulher só deu o primeiro passo nessa direção. Temos de esperar que ganhe força suficiente para dar o segundo. O direito ao voto ou os direitos civis iguais podem ser boas reivindicações, mas a verdadeira emancipação não está nas urnas ou nos tribunais. Ela começa na mente da mulher. A história nos diz que cada classe oprimida obteve a verdadeira libertação de seus mestres por meio de seus próprios esforços. É necessário que a mulher aprenda essa lição, que ela perceba que sua liberdade vai chegar tão longe quanto o seu poder para alcançar a capacidade de liberdade. É, portanto, muito mais importante que elas comecem por sua regeneração interior, por abandonar o fardo dos preconceitos, das tradições, dos costumes. A exigência de direitos iguais em todas as vocações da vida é bom e justo; mas, afinal, o direito mais vital é o direito de amar e ser amado. Se a emancipação feminina parcial tiver de se transformar em uma emancipação completa e verdadeira da mulher, será com a condição de que ela jogue no lixo a noção ridícula de que ser amada, enamorada e mãe é sinônimo de ser escrava ou subordinada. Ela terá que acabar com a noção absurda do dualismo dos sexos, ou que homem e mulher representam dois mundos antagônicos.

A mesquinhez separa; a generosidade reúne. Sejam grandes e generosos. Não negligenciem as coisas vitais por causa da grande quantidade de ninharias que enfrentamos. Uma concepção adequada da relação dos sexos não admite conquistador e conquistado. Ela conhece apenas uma grande coisa: dar-se sem limites, a fim de se encontrar mais rica, mais profunda, melhor. Só isso pode preencher o vazio e transformar a tragédia da emancipação da mulher em alegria, alegria sem limites.